

A MÃE-PROFESSORA E A FILHA-ALUNA

REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

Simone de Abreu Duarte Kluser de Jesus
simone_aduarte@yahoo.com.br

Professora de Apoio Especializado da rede municipal de Niterói

Resumo

Nesses dias em que, por consequência da pandemia da Covid-19, o isolamento social se tornou parte de nossas vidas, alterando a rotina das famílias e trazendo incertezas sobre diversas áreas, inclusive a Educação, este ensaio versa sobre espaços e tempos de aprendizagens de uma criança. A narrativa de experiências vivenciadas pela filha-aluna e a mãe-professora demonstram a possibilidade de se aprender em casa, através do diálogo, da descoberta, da brincadeira livre, do faz-de-conta, das histórias e cantigas. É possível construir conhecimento ajudando nos afazeres, na própria dinâmica e rotinas da casa. Também aprender a lidar com as novas emoções, medos e anseios desse momento histórico, do qual somos parte. Em um doce encontro entre a teoria e a prática; entre a mãe e a professora, a filha aluna segue sendo protagonista; se desenvolvendo e aprendendo; sem aulas remotas, mas com a ajuda da brincadeira simbólica, da Zona de Desenvolvimento Proximal e do diálogo acolhedor.

Palavras-chave: infância; educação infantil; práticas pedagógicas.

Uma infância potencial habita em nós. Quando vamos reencontrá-la nos nossos devaneios, mais ainda que na sua realidade, nós a revivemos em suas possibilidades [...]. Essa infância, que, aliás, permanece como uma simpatia de abertura para a vida, permite-nos compreender e amar as crianças como se fôssemos os seus iguais numa vida primeira. (Bachelard, 1996).

Hoje, após dois anos, conheci o passarito; assistindo desenho animado com ela, minha menina. Lembro sorrindo do dia em que D., meu aluno na Educação Infantil, nos falava, na rodinha, sobre esse curioso animal.

*-É um passarinho? Perguntou a outra professora.
-Não! É passarito. Você não conhece?
-Conheço passarinho. Disse ela.
-Poxa! Já falei que não é passarinho.
-Como ele é? Pergunto.
-É muito bonito, colorido.*

-Tem asas e bico?

-Sim! Isso mesmo! Responde entusiasmado. Vira-se para a outra professora e solta:

-Ela sim, conhece o passarito.

Minha A. também se encantou com o passarito. Preocupou-se quando ele fugiu. Comemorou o seu retorno e, mais uma vez, promoveu o doce encontro entre a mãe e a professora residentes em mim. Nesses dias de isolamento, esses encontros têm ocorrido frequentemente. A mãe e a professora têm deixado a “dona de casa” descansando; aproveitam para acolher, se encantar e aprender com essa criança, que completou 3 anos durante o isolamento. Curiosa, indagadora, falante e brincante.

Ela sente falta da escola, das professoras e especialmente dos amigos. Diariamente brincamos de escola e nossos papéis vão mudando, dependendo do enredo que ela dá. Às vezes sou a professora, em outros momentos sou uma criança e há dias em que preciso engrossar a voz e ser o professor.

-Essa não é a voz certa mamãe! Não é assim que ele fala. Você tem que dizer assim “oi amigão”. (Fala, engrossando a própria voz).

Demoro para acertar o tom e cantar a tal música, que o professor cantava, antes do parquinho. Nesses dias o parquinho é a cama. Ela sobe por um lado e desce escorregando pelo outro. Organiza uma fila de bonecas, seus colegas de turma, aguardando a vez de escorregar. Simula brigas entre eles, a intervenção docente, o entendimento e o retorno à brincadeira.

O pequeno corredor do apartamento é o espaço onde jogamos bola; onde ela corre, anda de bicicleta, carrinho e patinete. Já são 3 meses sem sujar o pé, pisar na terra, na grama, no chão grosso do condomínio. Nosso domicílio virou o nosso pequeno mundo, guardado dentro de um conturbado e aterrorizante mundo maior.

Os objetos da casa têm seus usos mudados. Com os talheres ela faz famílias e damos às mães colheres, pais garfos e seus filhos garfinhos e colherinhas os sobrenomes dos conhecidos. Assim driblamos um pouco a saudade. O lápis de cor também se transforma em amigos; ela também vira um lápis de cor, normalmente amarelo, mas também rosa ou roxo. Enquanto fala sobre o frio, veste os lápis, com retalhos, imitando falas das professoras T. e V.

As paredes agora têm marcas. A “bagunça” de brinquedos, fantasias, lápis e utensílios se espalha pela casa. Afinal, a criança precisa de espaços em que possa deixar suas marcas, onde possa voltar amanhã e se perceber ali, em algum rabisco, em algum montinho de areia, em algum objeto fora do seu lugar habitual. Espaços que, de alguma forma, possam ser transformados por ela, que possam acolher suas manifestações, (BARBOSA, 2003). Além disso, há dias em que estou exausta e deixamos o "eu dona de casa" arrumada, guardado.

Não é por acaso que a brincadeira simbólica está presente nos estudos de Piaget (1978) e de Vygotsky (1998). Que espetáculo da infância! Por meio dele as crianças se expressam e compreendem o mundo. Um objeto se converte em outro, mudam os significados, nasce uma história. Na sala de aula eram tampinhas, potes, caixinhas... Ano passado a levei comigo para a escola, ela se encantou pelo Mk., meu aluno, e ainda fala dele. Voltamos para casa com as tampinhas da sala. Ficaram aqui por dias, sendo parte dos enredos brincantes dela, até que consegui levá-las, novamente para a escola. Que pena! Queria aquelas tampinhas agora.

O faz de conta de Vygotsky oportuniza às crianças a vivência de diferentes papéis, observados no seu meio social. Também, a realização de tarefas, que ainda, não conseguem fazer sozinhas, criando uma Zona de Desenvolvimento Proximal (distância entre o desenvolvimento real, que se realiza de modo independente; e o desenvolvimento potencial, que se realiza sob a orientação de um adulto ou com companheiros que já amadureceram esse aprendizado).

O jogo simbólico de Piaget, onde a criança faz uso de um objeto (significante), como se fosse outro, atuando com significados; consegue, através da brincadeira, lidar com situações desagradáveis e reviver situações prazerosas. Transforma a realidade em função dos seus desejos e assimila o real ao seu eu.

Atualmente, juntamos potinhos de iogurte que viram bonecos ou fantasias para as bonequinhas. Mas nem os controles remotos escapam de serem os seus bebês ou foguetes. Todos os dias ela reafirma, em seus atos, que o brincar está além do brinquedo. Que as circunstâncias e objetos não determinam suas ações, sua imaginação. “A criança vê um objeto, mas age de maneira diferente em relação ao que vê. Assim, é alcançada uma condição que começa a agir independentemente daquilo que vê.” (VYGOTSKY, 1998, p. 127).

Jogo Simbólico para Piaget, Faz de Conta para Vygotsky, para mim, mãe-professora, um tesouro! Na varanda, enquanto recolho a roupa, ela reúne os pregadores, faz deles árvores, mudas, crianças enfileiradas, para pular um bambolê. Abençoada varanda, que às vezes é a biblioteca, cheia de livros e bonecos, e em outras é a praia, onde tomamos solzinho da manhã. Também já foi hospital onde os carros de bombeiros e ambulância chegavam com novos pacientes.

Às vezes apenas observo e viajo. Como ela me faz voltar à escola, à Educação Infantil, aos teóricos que embasam nossa prática docente, ao “eu professora”. Ontem ela quis saber qual animal era o siri e qual era caranguejo, “porque eles parecem tão iguais”. Esse “tão iguais” ela enfatizou ao pronunciar. Me inspira a curiosidade infantil, a entonação com que as crianças fazem perguntas, a sede de aprender, de pesquisar a vida. Ah se fosse na escola que ela tivesse feito essa pergunta... que projeto lindo teria sido. Conheço sua escola, suas professoras, sei que haveria um projeto. Ah se fosse na minha escola, também teríamos um projeto. Mas estamos em casa, isoladas; a filha, aluna; a mãe, professora.

A pedagogia de projetos entende a criança como protagonista, um ser capaz, competente, com um imenso potencial e desejo de crescer. Alguém que se interessa, pensa, duvida, procura soluções, tenta outra vez, quer compreender o mundo a sua volta e dele participar, alguém aberto ao novo e ao diferente. (BARBOSA; HORN. 2008. p.87). É o que desejo que minha filha vivencie na escola.

-Que tal a gente pesquisar? Proponho.

Ela aceita de imediato. É criança, ama descobrir.

Vamos para o computador, assim se foi a tarde. Li para ela a diferença entre o siri e o caranguejo. Imprimimos imagens, observamos suas patas. Assistimos a um vídeo de caranguejos na praia.

-Que vontade de ir nessa areia quentinha, mamãe!

-Muita vontade. Quando o vírus for embora, nós iremos.

-E vamos ver siris, caranguejos de verdade.

Respiro fundo, porque além de tudo, procuro me manter forte e não chorar perto dela. Naturalmente falhei algumas vezes, e precisei explicar que adultos, que mães, também choram.

Precisava de uma estratégia anti-choro de mãe e a cantiga do caranguejo foi perfeita. Ouvimos, cantamos, batendo mãos e pés, girando e ficando tontas. Isso me fez voltar à escola, lembrei-me da J.j., minha aluna com autismo, que repetidas vezes segura minhas mãos, para bater palmas e cantar:

*“Palma, palma, palma
Pé, pé, pé
Roda, roda, roda
Caranguejo peixe é.”*

Retorno com meus pensamentos para casa, tão logo minha filha pergunta:

*-Quer ver como os caranguejos andam?
-Claro!
-Assim ó.*

E vai de um lado para o outro, na pontinha dos pés, com meias vermelhas, cheia de peixinhos azuis. Que dia especial! Um momento inesquecível, de aprendizagem e afetividade, em meio aos longos dias de isolamento. O conhecimento não parte de uma certeza. Ele começa sempre por um diálogo, pela troca de argumentos e pela negação e retificação do saber anterior, para em seguida alcançar novas verdades. (BARBOSA; BULCÃO, 2011, p. 53).

A beleza da nossa relação e diálogos cresce e se afina diariamente. No resgate das parlendas da minha infância, conversamos sobre os avós e os tios. De como brincávamos quando eu era criança. Revemos as fotos de reuniões da “farofamília” já que sempre tem “farofinha gostosa”. No último final de semana ela sentiu vontade de comer a farofa da vovó; mas foi logo dizendo:

*-Pena que você não sabe fazer.
-Eu sei filha.
-Igual a da vovó?
-Sim. Ela me ensinou.
-E você aprendeu?*

Muito coerente e engraçada a pergunta. Realmente não ficou igual. Mas ela gostou e agradeceu. Além das muitas chamadas de vídeo, momentos como esse nos ajudam a amenizar a saudade da família. E o brincar de novo presente:

-Faz de conta que eu sou o J. (primo). E você, a tia D.. Eu corro na grama e você grita: J., não corre que você vai cair.

A capacidade imaginativa da criança é mesmo admirável! Uma forte aliada durante o isolamento.

Quando coloca o boné, ela é o vovô. E a vovó, quando brinca de costurar na máquina, uma cadeira da sala. O tio W. que corta cabelo. E os tios Ro. e Ra. passeando com o cachorro, que de tanta saudade ela chama dormindo, “Snow!”

Mas nossos dias não são apenas histórias, “faz de conta” e brincadeiras. Tem dias de pesadelos e choro de madrugada; chegamos a ficar acordadas por quatro horas, até que ela conseguisse voltar a dormir. Compreensível, afinal o Coronavírus é realmente um monstro assustador. Também lidamos com o choro, porque “não pode nem comprar picolé na rua.” Imagina então visitar o vovô e a vovó ou o grande amigo, que também sobe na janela de seu apartamento e grita por ela.

Sim, há contato com outras crianças. Ela vê alguns amigos e o primo. Brincam por chamadas de vídeo. Mostram pinturas, se imitam, se beijam, tocam instrumentos e cantam. Dahlberg, Moss e Pence (2007) consideram que a infância não é apenas uma construção social, é simultaneamente coconstruída e desconstruída pelas próprias crianças nos seus contextos sociais e culturais. Isso fica evidente quando observamos suas formas criativas de ser e estar no mundo, sobretudo no brincar.

Mesmo durante a pandemia, com suas rotinas tão alteradas, as crianças continuam sendo atores sociais e produtores de cultura. Se reinventam, interagem em diferentes espaços, incluindo os virtuais. Ao conviver com eles, somos intimamente tocados e nos reinventamos também. Como já dizia Bachelard (apud MACHADO, 2013, p. 220), do educador exige-se coragem de reinventar a si mesmo, reinvenção que passa pela experiência de imaginar-se e fazer-se.

Não, nossos dias não são apenas “faz de conta” e brincadeiras. Em algum momento o “eu dona de casa” tem que aparecer; mas, felizmente, vem acompanhado do “eu mãe” e do “eu professora”. E dessa forma, tenho mais uma cúmplice, uma ajudante nas tarefas domésticas.

-Posso ajudar mamãe?

Se me vê com vassoura, pega a sua vassourinha. Se estou na pia, pede a escada para subir e me ajudar. Seca a louça, debulha o alho, tenta socar. Quanta autonomia! Como fica feliz em experimentar esse papel que eu tanto desgosto!

Ultimamente vem se interessando mais pela escrita: lista de compras para o pai trazer, cartinhas para o primo, os avós e recentemente o Papai Noel. Pediu um pirulito de presente. Perguntou-me o que eu queria.

- Uma viagem.
- Isso não vai caber no saco. Pede brinquedo ou doce.
- Um pirulito, igual ao seu.
- Beijos de suas amigas mamãe e A.. "Leu" enquanto "escrevia".

Hoje resolveu fazer placas, riscava enquanto lia:

- Proibido jogar lixo no chão.

Colei a placa na porta. Ela ficou orgulhosa...

Sim, a televisão também faz parte de nossa rotina. Preciso cozinhar e em algumas etapas ela não pode participar. Alguns desenhos têm músicas que dançamos. Logo que começa a abertura ela me chama, me pega pela mão e leva para dançar na frente da TV. Em outro desenho cantamos, com microfones de lápis ou outro objeto que ela procura às pressas. Eu paro o que estou fazendo e vou. O mundo parou, não negarei esse momento divertido para minha filha.

Observo, com os desenhos e histórias, como o senso de justiça das crianças é apurado. Ela não é diferente. Não gosta do personagem que trapaceia. Tem horas que se indigna tanto, que desliga a TV.

- Por que desligou filha?
- Ele ia "trapaçar". Não quero que ele vença. Trapaceiro!

Simplemente extraordinário. Ela me recorda o M., amigo do D., que falou sobre o passarito. Ele dizia convicto "o bem sempre vence o mal." Lembrar a pureza dele me encheu de esperança. Vamos vencer esse vírus! "Corona Vidus" como ela fala.

Por enquanto, continuamos em casa, brincando, pintando, fazendo comidas de verdade e de massinha. Duas vezes por semana preparamos uma receita culinária, um bolo ou biscoito. Ela quebra os ovos, conta as xícaras e colheres dos ingredientes,

mistura a massa e unta a fôrma. Como se aprende na cozinha! Quantas texturas, cores, quantidades, cheiros e sabores.

- Posso colocar o dedo?
- Posso provar?
- Deixa eu contar?

Foi na cozinha, enquanto ela colocava o pão de queijo na assadeira, que a vi contando até 20. Não como no pique esconde onde só conta, mas quantificando cada unidade.

Enquanto arrumávamos o armário, perguntou se o arroz tinha metros. Respondi que tinha quilos. Mas de onde tirou essa questão, me pergunto e pergunto a ela.

-No desenho Blaze. Teve números e ele falou "5 metros".

Outro dia me questionaram sobre o ano escolar perdido, em casa, sem aprender nada. Como assim? Eles aprendem o tempo todo. A rede em que trabalho não adotou aulas remotas. A escola dela também não. Existem sugestões de atividades e brincadeiras. Alguns dias ela não quer realizar. Respeito seus momentos, também tenho os meus. Tem dia que ver uma professora ou colega na tela, já faz com que se sinta melhor. Mas já houve choro, súplicas para que a levasse para a escola. Dói explicar a verdade. Está tudo fechado. Seus amigos também estão em casa.

Como ela é forte! Como são fortes as crianças! Se reinventam, se renovam. Lembro que na segunda semana de isolamento ela não conseguiu usar o banheiro como fazia desde 2 anos e 4 meses. Acolhimento, paciência e escuta. Conversamos muito e ela explicou:

- Meu amigo Lú faz na fralda lá na escola. Ele também fez no chão.*
- Você está sentindo saudades dele. Vamos mandar um áudio para ele?*

Enviou e recebeu um áudio do amigo, descobriu o nome do que estava sentindo, e voltou a usar o banheiro normalmente.

Atualmente, depois de eu engordar terríveis 4 quilos, estamos nos aventurando, com boas risadas, na zumba e aeróbica. Foi depois de conversar com a mãe de J.j. que embarcamos nessa, afinal ela tem três crianças, uma delas com autismo, e encontra tempo para dançar com os filhos e perder peso. Uma pesquisa da *Kaiser Family*

Foundation mostrou *que* 53% das mulheres afirmaram que tiveram o emocional abalado de alguma forma no fim de março, enquanto 37% dos homens tiveram a mesma percepção. Mesmo abaladas, continuamos resistindo! Nada como uma mulher-mãe para levantar outra! E A. e eu temos mais uma atividade para nossa rotina.

Não vou romantizar o isolamento. Longe de mim essa intenção. Ele é doloroso, cansativo, difícil e necessário. Sei que falo de um lugar privilegiado, com contas pagas e alimentos na mesa. Mas também acredito, que cada criança e família, dentro de suas possibilidades, podem se reinventar; driblar a tristeza, o medo e permitir-se brincar e aprender juntos.

A escola retornará com suas atividades, professores e alunos se reencontrarão. Não seremos mais os mesmos, a vida não será! Que memórias eles terão sobre esses dias? Hoje imaginei minha filha, na rodinha, falando sobre siris e caranguejos. Explicando aos amigos a diferença entre eles. A criança cantando e imitando o caranguejo; palmas risadas e alegria. Olho para ela dormindo e sorrio esperançosa. Vai passar. É noite, quase 21h, logo o marido vai chegar, amanhã está de folga e a cozinha é dele. O “eu esposa” está exausta, mas orgulhosa do “eu mãe” e do “eu professora”.

Referências bibliográficas:

BACHELARD, G. **A Poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996, 216p.

BARBOSA, E.; BULCÃO, M. **Bachelard: pedagogia da razão, pedagogia da imaginação**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BARBOSA, S. N. F. **Corre, vai, vai mais uma vez! Um estudo exploratório sobre o tempo e o espaço da brincadeira de crianças em um shopping**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 25, 2003, Caxambu. Anais... Caxambu: ANPED, 2003. Lba.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Grupo A, 2008.

DAHLBERG, D.; MOSS, P.; PENCE, A. **Construindo a primeira infância: o que achamos que isto seja?** In: _____. Qualidade da educação da primeira infância. Porto Alegre, Artmed, 2003.

DIAS, Marina. **Sobrecarga psicológica afeta mais as mulheres na pandemia, dizem estudos**. Folha de São Paulo, [online]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/amp/equilibrioesaude/2020/04/sobrecarga-psicologica-afeta-mais-as-mulheres-na-pandemia-dizem-estudos.shtml>. <Acesso em: 10 jun 2020>.

MACHADO, Meire Luci Bernardes Silva. **Contribuições da Imaginação Criadora na formação da criança nas fases iniciais de escolarização.** In: 2º Congresso Latinoamericano de Filosofia de la educación, Univesidad de la República, Montevideo, Uruguay, 2013.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança.** Tradução de Álvaro Cabral e Christiano Monteiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** Organizadores Michael Cole [et al.]; tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, 191p.